

PRÁTICAS DOCENTES E FORMAÇÃO DO LEITOR

Auricélia Moreira Leite – UFPB

celialeite.educ@gmail.com

Daniel Alex Barbosa – UFPB

dannypravoce@hotmail.com

Liliane Silva Fernandes – UFPB

lilifernandesjp@hotmail.com

Pablo Diego Cavalcante Lira – UFPB

pablo_diego31@hotmail.com

Prof^ª Dr^ª Eneida Martins de Oliveira – UFPB

oneida@gmail.com

INTRODUÇÃO

O artigo *Práticas docentes e formação do leitor* apresenta um trabalho cujo objetivo maior é demonstrar as peculiaridades na forma como o ensino da leitura é abordado em três escolas municipais da cidade de João Pessoa-Pb, as quais, por questões éticas, não terão seus nomes aqui mencionados e passaremos a denominá-las de escola “A”, “B” e “C”. As metodologias são das mais variadas, atribuindo algumas semelhanças a todas elas. O fato de toda a escola possuir sala de leitura não lhes atribui plena competência nesse quesito, o predomínio da estrutura física não isenta a escola de sua defasagem no ensino literário por algumas delas.

A metodologia da professora do 8º e 9º anos da escola “A” é baseada em parceria entre a sala de aula e a biblioteca. A presença de um profissional qualificado na escola trabalhando na sala de leitura contribui significativamente com o desenvolvimento intelectual dos alunos. A professora da escola “A” juntamente com a profissional da sala de leitura fazem um trabalho também de motivação e incentivo a leitura tomando o livro didático e outras fontes como alicerce estrutural na prática literária. A escola “B” têm como base de leitura o livro didático, para suprir suas carências a professora utiliza-se de aparatos extras como revistas e jornais. Diferentemente da metodologia utilizada pela escola “A”, de parceria entre professor e pedagogo da sala de leitura, essa parceria fica distante em relação ao trabalho realizado na escola “B”. Esta não conta com tal profissional, parceiro do professor, pois a biblioteca não tem espaço para leitura pelos alunos. As leituras realizadas por eles não tem como objetivo a premiação através de notas e posto em prática nas aulas. A exposição de gêneros literários de escolha dos alunos é apresentada nos intervalos e debatida em fóruns. Diferentemente das exposições anteriores, a escola “C” não conta com de material didático suficiente a todos, o trabalho com leitura é realizado de uma forma fragmentada através de pequenos textos xerografados retirados de material defasado. Outras questões como o método de trabalho da professora que não motiva os

alunos nas leituras e a falta de um profissional na sala de leitura torna aquele ambiente pouco aproveitado.

As dificuldades de trabalho com a leitura, limitadas por falta de pessoas qualificadas, material adequado, motivação aos alunos são algumas das causas da escassa leitura dos nossos alunos. Procuraremos demonstrar através de pesquisas realizadas nas escolas citadas, quais as maiores dificuldades dos alunos e professores no ensino/aprendizagem literário. Destacaremos alguns trabalhos de grandes teóricos brasileiros nessa área como sustentação ou não das metodologias utilizadas por essas escolas.

Embora a prática do ensino de leitura seja um assunto bastante discutido entre estudiosos do tema, deve-se uma atenção especial a verificação e (re)avaliação das metodologias que atualmente são utilizadas dentro da sala de aula, as quais, muitas vezes, ficam bem distantes dos postulados teóricos ideais. A prática cotidiana do ensino de leitura ainda carrega traços mecânicos, de forma que na maioria das vezes acaba não despertando o interesse dos alunos. É justamente essa falta de interesse comprovada através de baixos números constatados em pesquisa, que este artigo se propõe a comentar e analisar, observando que tal falta de interesse aparentemente é relativa e não deve ser atribuída exclusivamente como sendo originária do aluno, devendo levar-se em conta, também, a maneira metodológica como esse aluno foi apresentado ao mundo da leitura. Mesmo porque, existem pesquisas que apontam para o crescimento do público leitor infanto-juvenil. Um exemplo deste tipo de argumento encontra-se na entrevista da especialista colombiana Yolanda Reyes¹ em fomento à leitura e formação dos leitores, de onde foi retirado o seguinte trecho:

A educadora² chama a atenção, por exemplo, para os milhares de exemplares de livros de Harry Potter (J.K. Rowling. Ed. Rocco) vendidos no mundo. “Muitos adolescentes gostam de ler. Nós temos de ajudá-los a conhecer esse universo e refinar suas buscas a fim de que conheçam seus gostos e não sigam só o que está na moda” (p.40), diz.

¹ Revista Nova Escola , ano XXVII, nº 254, agosto/2012

² colunista da revista digital *Emília* (www.revistaemilia.com.br) e fundadora do instituto Espantapájaros (WWW.espantapajaros.com) , em Bogotá, na Colômbia

Note que o discurso da citação chama a atenção para o fator “orientação”, ou seja, a ajuda que deve ser dada pelo professor com o objetivo de formar um leitor crítico e assim contribuir para diminuir as estatísticas pessimistas que são encontradas nas pesquisas direcionadas à área de leitura. São exatamente tais disparidades estatísticas que encontramos na pesquisa feita com três escolas do município de João Pessoa, as quais, por sua vez, têm o mesmo tipo de investimento financeiro, servem ao mesmo tipo de comunidade de classe média-baixa. Mas, obtêm divergentes resultados no que diz respeito ao aproveitamento do leitor em formação. Divergência esta que se justifica quando são analisadas as metodologias de ensino-aprendizagem de cada uma das escolas.

METODOLOGIA DO TRABALHO COM A LEITURA NAS ESCOLAS PESQUISADAS

A Escola “A” trabalha a leitura em sala de aula utilizando-se do livro didático e mais outros textos adicionados ao programa por iniciativa da professora que também orienta a leitura de um livro paradidático para ser feita fora do ambiente escolar, mesmo sem constar no programa oficial do município a exigência de tal leitura. Constataram-se durante a pesquisa outros fatores que envolvem tal processo de orientação da leitura do livro paradidático. A princípio, a proposta de leitura é encarada com desânimo pelos alunos. Mas, assim que a metodologia de orientação, baseada na parceria entre a professora e a profissional da sala de leitura começa a ser posta em prática, nota-se uma mudança na postura dos alunos. A metodologia em questão consiste nos seguintes passos: Em primeiro lugar é necessário o funcionamento regular do espaço de leitura e a comunicação entre professora-profissional da sala de leitura-aluno. Com isso, sempre que chegam livros novos à escola, a profissional da sala de leitura, que no caso do corpus “A” é uma pedagoga, juntamente com a professora passa nas salas fazendo a divulgação das novas aquisições com o objetivo de estimular a curiosidade e o interesse dos alunos e se alicerçam em elementos do gênero propaganda. Observou-se que tanto a professora como a pedagoga da sala de leitura sempre estão se comunicando e planejando oficinas de pesquisa e produção de textos, onde os livros da sala de leitura são usados como fonte de leitura, consulta e informação. Nesse processo de parceria entram também as pesquisas que tratam de temas transversais. Dessa forma, a escola

“A” aproveita o máximo possível o acervo literário, didático e o espaço da sala de leitura. Em segundo lugar, depois de feito o pedido do livro paradidático pela professora, os alunos têm o livre direito de escolha sobre o título do livro a ser lido, ou seja, a leitura é imposta, mas, a escolha do título é livre. O aluno tem a liberdade de escolher o tipo de leitura que mais lhe agrada. O terceiro ponto interessante desta metodologia é a maneira como os alunos são encaminhados e recebidos na sala de leitura. Lá eles são apresentados aos diversos gêneros pela pedagoga, que fala sobre temas da literatura e apresenta sinopses com intuito de despertar o interesse dos alunos. Na sala de aula, a professora comenta os títulos escolhidos, contextualizando-os e ajuda os alunos a pesquisarem as palavras novas e temas descobertos com a nova leitura.

Na Escola “B”, o processo de ensino/aprendizagem através da leitura tem lugar de destaque no plano de curso da professora da instituição. Seus procedimentos têm como base o livro didático, a sugestão de leitura oferecida pelo livro didático favorece e reforça o ensino de língua, pois são atribuições do plano de curso-programa promovido e analisado por uma secretaria educacional e pela direção escolar- que deve ser seguido dentro do cronograma estabelecido e que não requer a leitura de paradidáticos. Tal exigência não impede que a docente faça uso de estratégias de leituras diversificadas. Por iniciativa, ela promove atividades que envolvem a leitura de revistas e jornais, por exemplo, como suporte para trabalho com gêneros textuais e apoio linguístico. A utilização do espaço da biblioteca é outra forma de trabalho com a leitura e escrita. O acervo é grande, variado, porém, inexistente um intercâmbio melhor, uma parceria entre a professora e a profissional da biblioteca. A escola possui como já visto, uma biblioteca excelente, porém, a falta de um espaço reservado exclusivamente à leitura faz com que a biblioteca seja usada para guardar os livros e, também, como sala de leitura, leitura que também é feita em sala de aula, fora do ambiente escolar e até mesmo no refeitório, como já houve oportunidade. A responsabilidade sobre a biblioteca e seu acervo fica nas mãos de uma funcionária sem qualificação para tal tarefa, visto que, na falta de um profissional capacitado a função foi-lhe atribuída. Fica claro no questionário respondido pela professora, que a não qualificação da funcionária da biblioteca não compromete negativamente o acesso ao equipamento, mas o seu saber limitado desfavorece um trabalho que poderia ser melhor.

Como fora mencionado, a leitura de livros paradidáticos não é quesito fundamental nas atribuições do plano de curso realizado na escola “B”, o que não impede que a docente estimule tal atividade. A leitura fora do âmbito escolar é uma

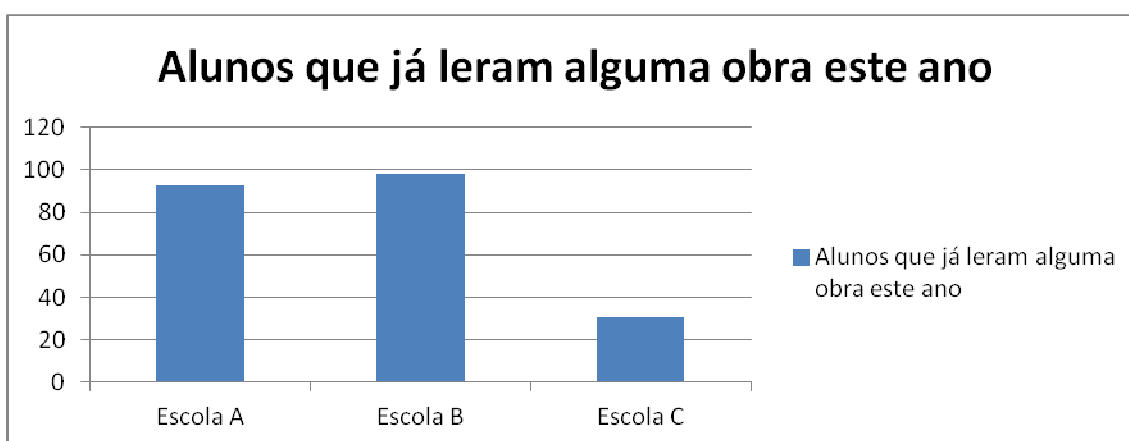
tarefa desenvolvida sem o rigor avaliativo - não vale nota no diário - mas as análises, discussões e dúvidas sobre textos lidos são postas em prática em sala.

Outra forma estratégica de leitura envolve temas transversais propostos pela mídia; abordagens polêmicas que geram debates e o uso de suportes como a internet para pesquisar e melhorar o entendimento do tema em questão. O simples gesto de procurar entender melhor sobre o assunto através de meios midiáticos favorece uma melhor leitura e interpretação (comentário da própria professora). Há ainda uma forma alternativa na qual se realiza a escolha de um gênero literário e vários livros desse gênero ficam expostos no refeitório, antes e após o intervalo, e um fórum de leitura em voz alta é realizado e comentado, onde cada aluno explica o que entendeu da leitura desta para os demais e porque escolheu aquele texto. Segundo a professora, a aceitação por parte dos alunos nessa atividade é total.

Na escola “C” o processo de ensino baseado na leitura se dá de forma bastante precária. Tal fato ocorre por diversos motivos a começar pela falta de livro didático para todos os alunos da sala, o que dificulta muito o trabalho da professora. A leitura, quando raramente ocorre, concretiza-se através de fragmentos ou pequenos textos impressos e/ou xerografados, trazidos pela professora sem nenhum critério de escolha, totalmente fora do contexto e da realidade dos alunos, o que causa um desinteresse em massa. A professora usa textos retirados da internet ou de livros didáticos de acervo pessoal, organiza-os sempre seguidos de um questionário e os aplica em sala sem fazer se quer uma leitura prévia para que haja a compreensão por parte dos alunos, que por sua vez, não conseguem responder as questões aplicadas, por mais que abordem temas superficiais do texto. A intenção do atributo da leitura é tão somente controlar o alunado em sala, promovendo silêncio e não desenvolvimento literário. Outro agravante é a falta de um profissional qualificado na sala de leitura dando o auxílio necessário ao professor, fazendo uma ponte direta entre sala de aula e a biblioteca, já que a pessoa designada para tal serviço é formada em uma área que não privilegia as questões de leitura. Essa falta de qualificação impede uma parceria entre professor e aquele profissional, gerando, assim, uma desmotivação para que os alunos venham a se interessar pela sala de leitura.

ANÁLISE COMPARATIVA DAS METODOLOGIAS

De acordo com os dados obtidos nessa pesquisa, tornou-se possível observar mudanças significativas no perfil do alunado que constitui o corpus da mesma. A comparação direta entre as metodologias de ensino/aprendizagem aplicadas em cada corpus analisado forneceu material importante que pôs em destaque a apreciação da leitura por um grande percentual de entrevistados. Ao compararmos as três instituições (A, B e C) observamos que nas duas primeiras (A e B) o volume de leitura é intenso; quase 100% dos alunos dessas escolas já leram alguma obra literária este ano.

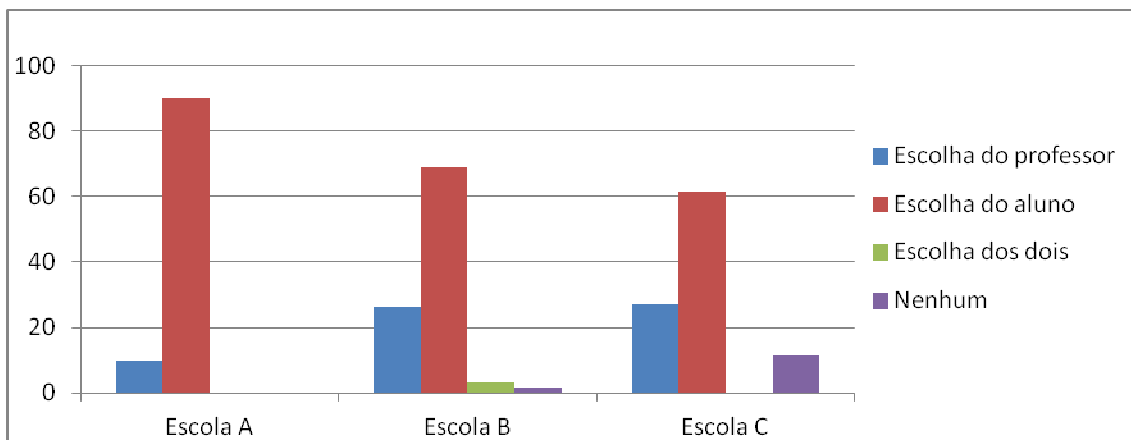


Devemos atentar para o fato de que na escola A a parceria entre sala de aula (professor) e sala de leitura (profissional qualificado) é algo existente e de resultados bem positivos, porém, na escola B não há uma parceria bem qualificada, visto que o comando da sala de leitura é realizado por uma funcionária sem especialização pedagógica alguma; cabe ainda salientar dois pontos importantes: o primeiro, é que mesmo não tendo tanta experiência a profissional que comanda a sala de leitura da escola B, demonstra bastante interesse em trabalhar diretamente com a sala de aula; outro ponto relevante é que a escola não possui uma sala só para leitura – a biblioteca funciona também com este fim – assim, a escolha e a leitura são realizadas no mesmo ambiente. Mesmo não havendo em B uma parceria elaborada e eficaz quanto em A, o desejo do alunado da escola B em leitura demonstrou um percentual maior (98,37%). Diferentemente dos resultados das escolas A e B, a escola C revelou, neste quesito relacionado ao volume de leitura, um quadro inverso: 69,22% dos entrevistados relataram não ter lido obra alguma durante este ano. Esta disparidade encontrada em C é fator preocupante, tendo em vista a formação escolar destes alunos e a falta que a leitura, a boa leitura, fará em suas vidas.

Acreditava-se há décadas atrás que saber ler e escrever era suficiente para formar o indivíduo capaz de ascender socialmente. Hoje este quadro não mudou e sim tornou-se mais complexo; o mercado de trabalho, por exemplo, em seus exames seletivos cobra, não apenas, quantidade de acertos, mas a capacidade de acertar, ou seja, o raciocínio não é medido só com a resposta, mas uma boa leitura do enunciado referenciam o leitor bem formado e informado do seu concorrente mal preparado, conforme encontramos em Zilberman & Silva (19)“a condição de leitor é requisito indispensável à ascensão a novos graus do ensino e da sociedade” (p 14).

A relação com a leitura promove um melhor desempenho escolar e social, e reforçando esta questão, Zilberman & Silva (19) ainda afirmam que “a condição de leitor, configura-se como o patamar de uma trajetória bem sucedida, cujo ponto de chegada e culminância são a realização pessoal e econômica.” (p14).

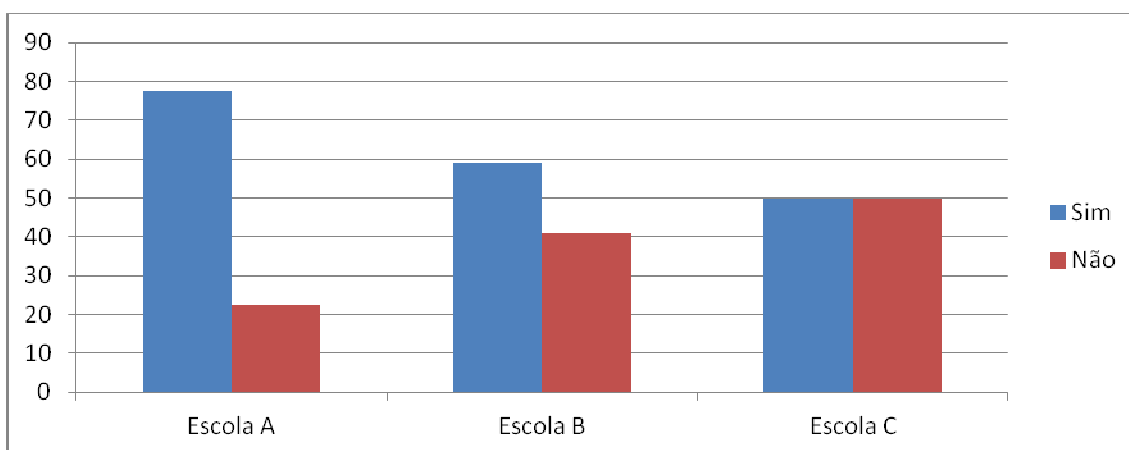
Nossa pesquisa também indagou sobre o modo como são escolhidos os títulos que os alunos lêem. Perguntamos se a escolha é induzida/indicada pelo professor ou se é particular. Não houve, neste quesito, controvérsias entre as respostas dadas pelos alunos e pelas professoras. As disparidades foram outras como podemos observar a seguir:



Fica claro que a escolha do título é feita, na maioria das vezes, pelo próprio aluno, mesmo na escola C onde a leitura não faz parte da rotina. Uma porcentagem mínima dos alunos declarou que escolhe o título do livro de comum acordo com o professor (escola B: 3,27%). Outro dado importante do gráfico é o percentual de alunos que não leu nenhuma obra este ano, seja ela indicada pelo professor ou não (escola A: 1,63%; escola C: 11,53%). Este percentual embora pequeno pode e deve ser combatido, pois esta minoria pode estar representando o que reflete as estatísticas sociopolíticas do Brasil.

Toda esta abordagem sobre o volume de leitura e escolha dos títulos através dos alunos das escolas A, B e C, serviu de base para uma questão que vai além do simples ato de ler. Devemos considerar o uso que é efetivamente feito de toda essa relação leitor/obra, o que Geraldí (1985) chama de “o ler por ler, gratuitamente”. E continua afirmando que “o que define este tipo de interlocução é o “desinteresse” pelo controle do resultado”. (p 86)

O estímulo à leitura, o incentivo pelo prazer de ler deve ir além dos planos de curso, das avaliações, deve gerar leitores críticos que vêm mais do que propõe o próprio texto. As pequenas visitas à sala de leitura e o volume de livros emprestados, favorece além de enriquecimento linguístico um indivíduo com possibilidades cognitivas mais amplas. De acordo com Geraldí (1985): “a quantidade ainda pode gerar qualidade” (p87). E essa “qualidade” foi medida em nossa pesquisa no quesito que indaga aos alunos se nas conversas com amigos, há uma troca de informações a respeito dos livros que leram. O gráfico seguinte nos dá uma ideia do quanto a leitura se faz presente nas conversas:



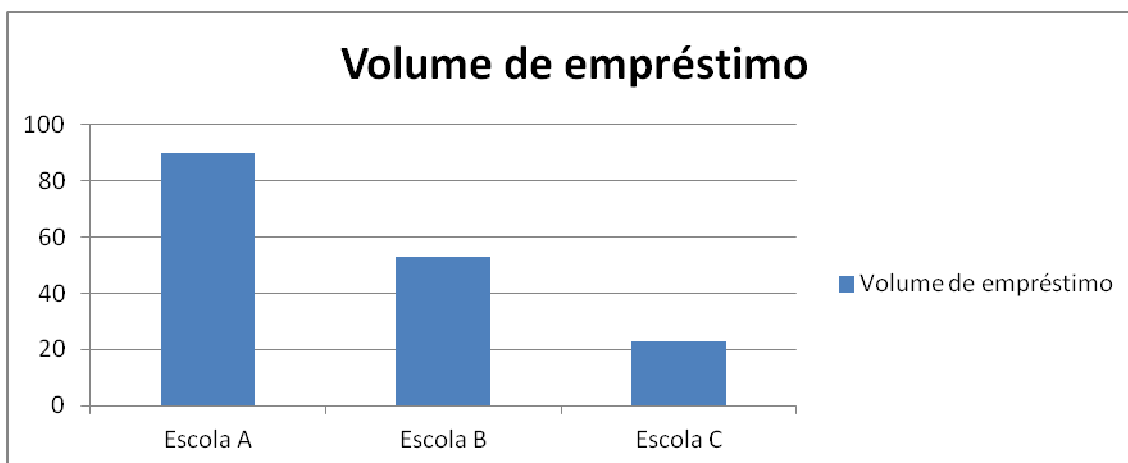
Notemos que mais uma vez a escola C chama a atenção em um de seus dados: metade dos entrevistados afirmam conversar com os colegas sobre alguma obra que eles leram e discutem suas opiniões; já outra metade afirma não estabelecer nenhuma forma de interação a respeito do que leu. A escola A, por sua vez, teve um percentual maior, 77,5% dos alunos, compartilham os conhecimentos adquiridos através das novas leituras. Notadamente no decorrer da pesquisa e por nossa rotina em sala de aula percebemos que temas mais atuais na categoria infanto-juvenil têm chamado mais a atenção dos alunos. Títulos como a saga Crepúsculo, enfatizada pelo cinema; Diário de um banana, Harry Potter, entre outros, têm elevado o número de empréstimo de livros nas escolas pesquisadas; umas mais, outras menos, mesmo assim existe o interesse favorecido até pela multimodalidade textual. Tomando por empréstimo as palavras de

Geraldi (1985) que diz que “é importante considerar que o enredo enredra o leitor”. (p 87)

O ato de ler à procura de informação, diversão etc. deve ser, sempre, estimulado. As metodologias podem, segundo Geraldi (1985), servir de pretexto: “a leitura do texto como pretexto (...) define a própria interlocução que se estabelece” (p 85). E o verdadeiro leitor se reconhece quando este passa a divulgar ou discutir sobre aquilo que leu. Soares (19XX), afirma que “leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados...” (p 18)

As metodologias de ensino devem continuar – se já começaram – ou iniciar o processo de transformação em nossos alunos/leitores. A presença do texto é indispensável em todas as áreas do conhecimento e mesmo atribuído ao ensino de língua o texto deve ter destaque em nossas salas de aula e fora dela também.

Em meio as metodologias evidenciadas nesta pesquisa, chama atenção o artifício de fazer propaganda dos livros utilizados pela escola A. Tal artifício confirma as ideias de Geraldi sobre o tema leitura: “lemos os livros de que tivemos notícia dependendo de quem foi nosso informante” (p 87). A resultante do artifício se reflete no aumento do volume de empréstimos na sala de leitura que comparado as escolas B e C é bem mais alto, como demonstra o gráfico:



Em resumo, a prática utilizada pela escola A confirma a teoria de Geraldi (1984:85) que diz que:

“não há leitura qualitativa no leitor de um livro só: a qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende – e muito – de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar

qualidade. (...) Parece-me que devemos – enquanto professores – propiciar maior numero de leituras, ainda que a interlocução que nossos alunos façam hoje com o texto esteja aquém daquela que almejamos (...) estes leitores “são o que são” porque não leram apenas o livro que resenharam.” (p 87)

Dessa forma não há como deixar de observar o fato de que a grande maioria das teorias de leituras favorecem a formação do leitor crítico e consciente através das praticas utilizadas pela escola. No caso da escola A, isso ficou evidenciados pelos resultados da pesquisa aqui apresentada.

CONCLUSÕES

O trabalho *Práticas docentes e formação do leitor* procurou demonstrar as disparidades metodológicas no ensino/aprendizagem das escolas A, B e C da rede municipal da cidade de João pessoa – PB. Dados quantitativos apoiados em pesquisas realizadas nas escolas e principalmente dados quantitativos realizados junto a alunos e professores, comprovaram um distanciamento de aproveitamento no que cerca o ensino da leitura entre os alunos destas três escolas. Uma leitura apoiada pelo professor e muitas vezes motivada também pelo bibliotecário, pode despertar nos alunos a curiosidade no mundo literário, como acontece com as escolas A e B. A escola C é um retrato do que hoje é bastante “comum” na maioria das escolas de João Pessoa. Esse retrato, apoiado pela desvalorização do professor, desqualificação de muitos dos profissionais da educação e ausência de interesse dos governos, “contribui” significativamente para um “desenvolvimento” intelectual proposital. O modelo adotado pelas escolas A e B (iniciativa das próprias escola) em níveis diferentes, demonstram que podemos alcançar resultados bastante significativos, como visto nos dados aqui apresentados.

Os resultados dessas pesquisas com a leitura na cidade de João Pessoa não se esgotam neste artigo. Um trabalho de maior extensão escolar certamente traria resultados mais assustadores, já que a dimensão da falta de metodologias adequadas ao trabalho com leituras nas escola desta cidade é um reflexo do que ocorre em grande parte do nosso país.

Referências

VICHESSI, Beatriz. *Fala, Mestre!*. Revista Nova Escola, ano XXVII, nº 254, agosto/2012.

GERALDI, João Wanderley. (org) *O texto na sala de aula. Leitura e produção*. Cascavel. PR, Assoeste, 1985.

_____. *Linguagem e ensino: Exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil)

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro. (org) *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo, Ática, 1988, p. 18-29.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro. (org) *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo, Ática, 1988.